

O TENENTE

Aquela noite, depois que eu conversei algum tempo com o tenente Bandeira, um grande amigo d'ele me chamou à parte e me perguntou: "agora você não tem certeza de que ele é inocente?" Respondi evasivamente que não estava acompanhando bem esse caso do crime do Sacopã, e tinha achado o rapaz simpático e muito calmo.

O tenente Bandeira me falara com uma voz suave, e quando eu lhe disse que não sendo o culpado, ele devia ser um sujeito muito pesado, porque havia muitas circunstâncias contra ele, respondeu: "mas eu sou pesadíssimo! me acontece cada uma! Sempre me acontecem coisas assim".

Eu disse depois que o achava muito calmo, mesmo sendo inocente: afinal de contas, depois de toda aquela barulheira dos jornais e de seu interrogatório da polícia ele estava ali tomando um uísque comigo com a maior serenidade. "Ah, calmo eu sou — disse ele. Se não fosse calmo já tinha morrido há muito tempo." Estava se referindo à sua profissão de aviador. Perguntei se durante sua estada no Ceará ele tinha voado, e se o caso não o perturbava quando em vôo. "É claro — respondeu — quando os jornais começaram a me acusar, você compreende, é chato. As últimas vezes que voei eu sem querer começava a pensar nessa história e isso me atrapalhava, eu já não podia prestar a mesma atenção ao vôo que antigamente. Agora aqui no Rio felizmente eu estou dispensado de vôo. Graças a Deus!"

Como ele ou alguém, aludisse ao fato de eu ter sido correspondente de guerra, falei de jovens aviadores que eu conheci, perfeitamente calmos e valentes, que de repente, no cabo de um certo número de missões sofriam um choque nervoso. É a fase do medo, do "break-down"; na maioria dos casos ela é superada, e o aviador pode voltar ao combate. Ele admitiu isso, e admitiu que ele também poderia sofrer um choque semelhante, pois apesar de sua calma "essas coisas, você sabe, vão, enchendo; puxa, quando eu leio "O Globo" ou o "Diário Carioca", é de amargar; resolveram que eu sou o criminoso."

E explicou sua calma: "O que aconteceu comigo é isto: podem fazer muita onda, inventando coisas, me atacando de todo jeito; que é que eu posso fazer? o remédio para mim é esperar, porque mais dia menos dia todos vão ver que eu estou mesmo inocente. Até agora a polícia ainda não descobriu o criminoso de maneira que o criminoso tem que ser eu. É claro, tem que haver um criminoso, e como eles não arranjam outro..."

Contou-me o depoimento que fizera no 2.º Distrito, e disse que até num certo momento ele rira muito, pois achara graça numa piada (impublicável) do comissário Dourado sobre Afrânio. Eu disse que achava a piada forte, e desagradável para Marina. Ele sorriu: "é...". Perguntei qual era a opinião de Marina sobre o crime; conhecendo bem Afrânio, ela talvez tivesse alguma desconfiança de quem pudesse ter sido o seu assassino. Respondeu tranquilamente: "Não, ela não desconfia de ninguém não."

O "garçon" veio me trazer mais um uísque; foi então que eu reparei que enquanto eu tomava dois uísques o simpático rapaz tomava meio. "Vou-me embora, disse eu a um amigo — nessa marcha. Quando chegar às 5 da manhã eu é que acabo confessando tudo."

29. 6. 52

R. B.